

## SUJEITO, DISCURSO E PODER

*Maria Geralda de Miranda (UFF/UNAM/ UNESA)*

Apesar de dividido entre o senso moral imposto pela sociedade e a força do inconsciente, o homem ocidental forjado no culto ao racionalismo, ilude-se com a sua suposta autonomia “consciente” (...) e crê poder separar-se do “real”, ou seja, crê poder olhar o “real” e o outro com olhos neutros; crê, em suma, poder “descobrir” “verdades” que não sejam construídas por ele mesmo, nem “contaminadas pelo seu desejo.”

(Rosemary Arrojo, *O signo desconstruído*)

A valorização permanente do estável, do controlável, do presente, assegura ao cientista, a ilusão de soberania e poder sobre os dados que crê poder olhar de forma neutra, isenta de toda contaminação dos desejos, fobias, ideologias.(...) Ilusão da verdade, ilusão do sujeito.

(Maria José Coracini, *O signo desconstruído*)

### **1. Introdução**

François Dosse – ao falar do êxito que o estruturalismo alcançara na França nos anos 50 e 60, angariando a adesão da maior parte da intelectualidade, em razão de apresentar um método rigoroso que podia ocasionar esperanças a respeito de certos progressos científicos – adverte que “o verdadeiro ponto de partida do método em sua acepção moderna, na escala de todas as ciências humanas, provém da evolução da lingüística”.<sup>1</sup>

É por isso que o tema de retorno a Saussure, pai da lingüística moderna, vai dominar todo esse período, apesar de o mestre genebrino ter empregado apenas três vezes o termo “estrutura” no seu *Curso de Lingüística Geral*. O uso dos termos estrutura e estruturalismo se dá sobretudo a partir da Escola de Praga com Troubetzkoy e Jakobson.<sup>2</sup>

A referência ao termo estruturalismo como programa funda-

---

<sup>1</sup> DOSSE, François. *História do Estruturalismo*, vol. I, p. 15.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem.*

dor, no entanto, será reivindicada pelo lingüista dinamarquês Hjelmslev, que fundou em 1939 a revista *Acta linguistica*, cujo primeiro artigo trata de “lingüística estrutural”. A partir desse núcleo lingüístico, o termo vai provocar uma verdadeira revolução de todas as ciências humanas em pleno século XX. É como se elas adquiriram aí a sua ata de batismo científico.<sup>3</sup>

Verificar “as bases científicas” sobre as quais se assenta a lingüística e sobre o desenvolvimento do estruturalismo, daí decorrente, nos obriga obviamente a reler Saussure, tendo em vista que o *Curso de Lingüística Geral*, organizado pelos seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye, continua na ordem do dia, exatamente por constituir-se em pano de fundo de todo esse debate. A crítica à obra do mestre, desenvolvida a partir de 1966, vê a ausência do sujeito falante na perspectiva científica saussuriana como um dos pontos mais negativos de seus postulados.

Outros teóricos acreditam, no entanto, que as contribuições de Saussure foram importantes para libertar a lingüística da tutela historiadora. Dosse salienta que mesmo Foucault, sem ser totalmente explícito, vê a autonomização da lingüística como ciência um dado positivo, apesar “do auto custo de uma a-historicidade; e, portanto, de uma amputação que se tornou talvez necessária a fim de romper com o evolucionismo em curso, mas que conduzirá a aporias por não ter sabido dialetizar os vínculos diacronia/sincronia.”<sup>4</sup>

Citando Milner, Cláudia Lemos diz que

o estatuto da Lingüística como ciência, esse princípio geral representado tanto pela teoria do signo, quanto pela teoria do valor, faz de Saussure um representante da ciência antiga, vinculada à tradição aristotélica, centrada em axiomas e em proposições que, deles dedutíveis, não se traduzem em proposições empíricas. (...) Isso, contudo, não invalida seu ato de reconhecimento da ordem própria da língua.<sup>5</sup>

Os estudos atuais, sem dúvida, querem resgatar o homem, paradigma perdido da abordagem estrutural. O preço a pagar pela lin-

---

<sup>3</sup> *Idem*, p. 16.

<sup>4</sup> DOSSE, François. *Op. cit.*, p. 69

<sup>5</sup> LEMOS, Cláudia. *Interrelações entre a lingüística e outras ciências*, p. 4. São Paulo: DHEL-UNICAMP, [s/d].

güística moderna é alto, por suas negações de princípio e as suas conseqüências. O presente trabalho quer continuar esse debate, refletindo sobre a língua e o sujeito. Confrontar as idéias do *Curso de Lingüística Geral* com os estudos mais atuais sobre o estruturalismo lingüístico, tendo como base as reflexões de François Dosse, é o que pretende essa autora.

## **2. Os pressupostos saussurianos**

Após discorrer sobre a matéria e a tarefa da lingüística e suas relações com as outras disciplinas científicas conexas, Ferdinand de Saussure nos fala da dificuldade de definição do objeto de estudo desta nova ciência, em razão de o fenômeno lingüístico apresentar perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais não vale senão pela outra.<sup>6</sup> Tal dificuldade, prioritariamente, teria que ser resolvida, pois a lingüística só conseguiria o seu estatuto de ciência, se o seu objeto de estudo fosse claro e objetivo.

Dentre as dificuldades, em face da dualidade apresentada pela língua, ele diz que “não se pode reduzir a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se pode definir os objetos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica.”<sup>7</sup> Em seguida, argumenta:

Mas admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Surge daí uma nova e temível correspondência: O som, unidade complexa acústico-vocal, forma por sua vez com a idéia, uma unidade complexa, fisiológica e mental.<sup>8</sup>

E continua Ainda:

A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. (...) A cada instante, a linguagem implica um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante ela é uma instituição atual e um produto do passado.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*, 1998, p. 15.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup>SAUSSURE, Ferdinand, p.16.

Apesar de debater todos esses problemas – em cujas bases está a dificuldade de separar língua e fala, ou língua e discurso - e de pontuá-los como questões que dificultariam a definição do objeto de estudo da Linguística que, para obter o estatuto de ciência, precisava de um objeto preciso, Saussure opta por um caminho, ou seja, define que o tal objeto da linguística seria apenas a *língua* e justifica a sua escolha:

qualquer que seja o lado que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da linguística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da linguística aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim abre-se as portas para as várias ciências - Psicologia, Antropologia, Gramática Normativa, Filologia etc. - que separamos claramente da Linguística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos.<sup>10</sup>

E continua a sua elaboração: sendo a língua distinta da fala, aquela pode ser estudada separadamente desta. A prova é que não falamos mais as línguas mortas, mas podemos assimilar-lhes o organismo linguístico.<sup>11</sup> Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos, onde de essencial só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. “A língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas.”<sup>12</sup>

Na verdade, Saussure fala sobre um elenco de vantagens em se estudar a língua, tudo isso na tentativa de fornecer um objeto mais preciso à sua ciência. Neste sentido, argumenta: Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. Além

---

<sup>10</sup> *Idem.* p. 16

<sup>11</sup> *Idem.* p. 22.

<sup>12</sup> *Ibidem.*, p. 24.

disso, os signos da língua são tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os *atos de fala*.<sup>13</sup>

O signo lingüístico, definido como uma entidade psíquica de duas faces, chamadas de significado e significante, exhibe duas características primordiais: a arbitrariedade – a falta de motivação que une o significado ao significante; e o princípio da linearidade do significante. Mas o caráter essencial do signo está exatamente no fato dele escapar sempre à vontade individual e social<sup>14</sup> dos sujeitos. “A língua é um sistema que conhece a sua ordem própria”<sup>15</sup> e para estudá-la de forma científica, “deve-se eliminar dela tudo que lhe seja estranho ao organismo, ao sistema.”<sup>16</sup> “A atividade de quem fala deve ser estudada num conjunto de disciplinas que somente por sua relação com a língua tem lugar na Lingüística.”<sup>17</sup>

## **2.1. Não tem lugar para o sujeito**

Ao propor a solução para o difícil dilema; isto é, ao priorizar o terreno de estudo da língua - por ser esta suscetível de uma definição autônoma - Saussure procura desembaraçar-se dos resíduos da fala e por conseguinte do sujeito falante. O indivíduo é então expulso da perspectiva científica saussuriana, aquele que fala, titular de uma locução, é reduzido à insignificância e ao silêncio.

Essa negação do homem, já totalmente descartado do horizonte saussuriano, também vai passar a ser um elemento essencial do paradigma estruturalista, para além do campo lingüístico. Tal negação leva ao extremo um formalismo que, depois de já ter esvaziado de sentido, exclui também o locutor para culminar numa situação em

---

<sup>13</sup> SAUSSURE, Ferdinand. *Op. cit.*, p. 23.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 25

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 29.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 27.

que “tudo se passa como se ninguém falasse”<sup>18</sup>

Com o sujeito ausente, vítima de uma redução formalista, e tendo um objeto restrito, linear, os postulados de Saussure tem acesso ao estágio de ciência. Aceitando trabalhar como um sistema fechado em si mesmo, com os critérios de repetição e regularidade, a lingüística científica descarta o contingente e o diferente, características que são tradicionalmente inerentes à própria noção de sujeito.

Como afirma François Dosse, o lingüista genebrino

limita o seu projeto e escapa a toda e qualquer correlação entre duas de suas proposições: aquela segundo a qual a língua é um sistema de signos, e aquela segundo a qual a língua é um fato social. Ele encerra a sua lingüística num estudo restrito do código, separada de suas condições de aparecimento e de sua significação.<sup>19</sup>

Através do conceito de signo, ainda seguindo Dosse, verifica-se o fechamento da língua sobre si mesma. O signo saussuriano não uma coisa a seu nome, mas um conceito a uma imagem acústica (o significante define-se por sua presença sensível, ao passo que o significado caracteriza-se por sua ausência) num vínculo arbitrário que remete a realidade, o referente, para o exterior do campo do estudo, a fim de definir a perspectiva, por definição restrita, do lingüista.

## **2.2. Convencionalidade ou atrelamento de significação**

Discutindo também questões inerentes ao signo saussuriano, Rosimere Arrojo, que parece dialogar com François Dosse, observa:

se aceitamos a tese da convencionalidade do signo, ou seja, a noção de que todo significado é necessariamente construído a partir de um tácito acordo comunitário, não poderemos portanto eximir a leitura e a compreensão, ou qualquer outro processo de utilização de signos, de uma origem atrelada à construção e à produção de significados.<sup>20</sup>

Ou dito de outro modo pela própria autora:

---

<sup>18</sup>DOSSE, François. *História do Estruturalismo*, p. 73.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, p. 70.

<sup>20</sup> ARROJO, Rosimere. *O signo desconstruído*, 1992, p. 37

já que a convenção é resultado de um acordo que tem como meta organizar e controlar a produção de significados, aquilo que se estabelece como ‘convencional’ é resultado também de uma luta pelo poder de significação, uma luta tão acirrada que precisa, inclusive, identificar-se com a procura do significado “transcendental”, imune à passagem do tempo, e acima de qualquer viés de interpretação.<sup>21</sup>

De um significado que pudesse abolir e suplantar todos os outros para todo o sempre.

Este significado, ainda seguindo Arrojo, subordinado à letra, anterior a qualquer interpretação e independente de qualquer contexto, se alinha a uma tradição logocêntrica que compartilha do pressuposto que é fora do sujeito/leitor ou “receptor” que se encontra a origem dos significados. Esse “significado transcendental”, neutro e independente da situação de recepção leva qualquer teoria linguística a um destino de frustração e ineficiência.<sup>22</sup>

Já Marisa Grigoletto, ao discutir questões acerca da “desconstrução do signo”, levadas a cabo por Derrida, mostra que a noção do significado primordial, anterior à própria linguagem, não passa de ilusão. Ilusão necessária para a construção do projeto semiológico do linguísta Genebrino. A autora assinala que a idéia de ilusão revela que a presença buscada por toda a metafísica ocidental não passa de mais uma máscara, “que não há signo lingüístico antes da escritura”. (Derrida, 1973: 17) E que portanto não existe um significado primeiro, original; ao contrário, todo significado não é senão mais um significante a cada nova estrutura.<sup>23</sup>

Para que se escreva um texto e se construa a escritura, a noção de ausência de significado em posição de primazia em relação ao significante e da multiplicidade de significantes tem de ser esquecida momentaneamente para dar lugar à ilusão de se ter atingido um significado único, pois a cada escritura, o texto como tecido de signos é tramado de uma certa forma, seguindo um determinado padrão, de modo a construir uma malha fechada, na qual o significante se trans-

---

<sup>21</sup> *Op. cit.*, p. 38.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 36

<sup>23</sup> GRIGOLETTO, Marisa. A desconstrução do signo e a ilusão da trama. In *O signo desconstruído*. Org. Rosimery Arrojo, p. 31/32.

forma ilusoriamente em significado. Na verdade cada processo é um jogo e cada jogo tem as suas próprias regras, que servem apenas para aquele jogo e não para outro.<sup>24</sup>

Texto para Barthes quer dizer tecido, mas esse tecido que até aqui foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém mais ou menos oculto o sentido ( a verdade) é visto agora como uma idéia gerativa de que o texto se faz.<sup>25</sup> Esse autor que também vê no gregarismo da repetição lingüística uma das principais formas de poder, salienta que a forma puramente semiológica do texto está exatamente em saber jogar com os signos em vez de destruí-los. “Um texto tem necessidade de uma sombra: essa sombra é um pouco de ideologia, um pouco de representação, um pouco de sujeito: fantasmas, bolsos, rastos, nuvens necessárias; a subversão deve produzir o seu próprio claro-escuro.”<sup>26</sup>

Mas voltando a François Dosse, uma outra questão importante levantada por ele sobre os pressupostos saussurianos é a oposição língua/fala. O autor de *História do Estruturalismo* afirma que há dois planos confundidos por Saussure. A distinção metodológica ou epistemológica o dado (a fala) e o construído (a língua) é indispensável e sempre válida: ela é inclusive a condição da postura científica, mas não pressupõe a segunda oposição formulada por Saussure – essa contestável – entre um sistema lingüístico abstrato, do qual o sujeito foi suprimido, e a atividade da fala, entre um código objetivo e a utilização desse código pelos sujeitos.<sup>27</sup>

A questão da preponderância da sincronia sobre a diacronia é também um outro assunto pontuado por Dosse. Para discuti-lo, ele cita Andre Martinet, que diz não encontrar respostas no *Curso de Lingüística Geral* para a seguinte pergunta: “por que as mudanças fonéticas são regulares?” Para apreender esse fenômeno não era preciso encerrar a estrutura na sincronia, no estático. “Uma estrutura, ela se mexe.” Saussure ilustra o privilégio da sincronia e seu corolá-

---

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*, p. 34.

<sup>25</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto*, p. 82.

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p. 44.

<sup>27</sup> DOSSE, François, *Op. cit.* p. 73.

rio, a insignificância da historicidade, com a metáfora do jogo de xadrez. A inteligência da partida resulta da visão do lugar e das combinações possíveis das peças colocadas no tabuleiro de jogo. É totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou por outro.<sup>28</sup>

### **3. Sistema fechado, programa ambicioso**

Se por um lado, a postura saussuriana é restritiva por definição, ao limitar-se à língua, por outro, ela se inscreve numa ambição muito ampla de construção de uma semiologia geral que integre todas as disciplinas que se interessam pela vida dos signos no seio da vida social. A Lingüística seria apenas uma parte desta ciência geral. É na realização desse ambicioso programa que se inscreve o projeto estruturalista, reagrupando em torno de um mesmo paradigma todas as ciências do signo. É esse impulso que fará da lingüística a ciência piloto, no centro do projeto, com a força de um método que pode prevalecer-se de resultados.

Somente através do projeto de criação de uma ciência geral do signo podemos entender a dimensão que a idéias de Saussure tiveram na fase estruturalista. Em seu livro *Aula*, Roland Barthes fala também desse processo de restrição adotado pela Lingüística e da proposta de Saussure de criação da semiologia. Diz Barthes:

Para seus conceitos operatórios, a Semiologia, que se pode definir canonicamente como a ciência dos signos, saiu da lingüística. Mas a lingüística, um pouco como a economia, (...) está hoje em via de estourar. (...) Por outro lado, ela se apodera de conteúdos cada vez mais numerosos e também cada vez mais afastados do seu campo original; assim como o objeto da economia está em toda a parte, no político, no social, no cultural, do mesmo modo o objeto da lingüística é sem limite: A língua segundo uma intenção de Benveniste é o próprio social. Em resumo: seja por excesso de ascese, quer por excesso de fome, a lingüística se desconstrói.<sup>29</sup>

Desse salienta que a crise progressiva do paradigma estruturalista, após seu apogeu em 1996, está em relação direta com a tomada

---

<sup>28</sup> *Idem, ibidem*, p. 69

<sup>29</sup> BARTHES, Roland. *Aula*, p.30

de seu lugar pelo gerativismo, com o êxito das teses desconstrutivistas de Derrida, mas também com a progressão de uma lingüística da enunciação, que tinha sido até então rechaçada. Nesse último aspecto, a importância de Benveniste é notória, sobretudo pelo fato dele ter “reintroduzido o recalcado – o sujeito – no âmago da preocupação da lingüística. Benveniste foi essencial ao mostrar que o sistema lingüístico, sem deixar de se constituir em um sistema, devia tomar em consideração os fenômenos da enunciação.”<sup>30</sup>

#### **4. Conclusão: o sujeito retorna pela janela**

Para Benveniste, “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso (...) é ver como o “sentido” se forma em “palavras, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação.”<sup>31</sup> Como realização individual, a enunciação pode se definir em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos e procedimentos acessórios. Mas ao declarar-se locutor e ao assumir a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a esse outro. Toda enunciação é explícita ou implicitamente, uma alocação<sup>32</sup>, isto é, um ato ilocucional.

Em suas reflexões sobre o sujeito, Benveniste não deixa de considerar o tempo como uma das formas lingüísticas mais reveladoras de subjetividade. Ele distingue duas noções de tempo: o físico, infinito e linear, e o crônico, tecido de eventos. O tempo crônico escapa ao vivido, mas o tempo lingüístico está ligado ao exercício da fala, portanto situa-se ao mesmo tempo num presente como ato individual e remete necessariamente a uma subjetividade, na medida em que a temporalidade lingüística deve responder às condições de inteligibilidade do interlocutor. Apesar de todo a sua dedicação ao assunto, somente em 1970, com a publicação de um artigo sobre a enunciação, na revista de lingüística *Langages*, Benveniste vê as su-

---

<sup>30</sup> DOSSE, François. *Op. cit.*, p. 61.

<sup>31</sup> BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral*, 1989, p. 83

<sup>32</sup> Idem, p. 84.

as idéias ganharem a partida entre os lingüistas.

Mas, como Dosse assevera:

a partida só está em parte ganha: o sujeito está de volta por razões que não decorrem verdadeiramente de uma temporalidade própria da disciplina lingüística (...) mas das novas interrogações que surgiram de súbito nas ciências humanas e que permitiram especialmente ao sujeito reaparecer pela janela, após ter sido expulso pela porta.<sup>33</sup>

#### BIBLIOGRAFIA

ARROJO, Rosimary. (org.) *O signo Desconstruído*. São Paulo: Pontes, 1992.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

———. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral* I. São Paulo: Pontes, [s/d].

DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. Volumes I e II. São Paulo: Ensaio, [s/d].

LEMONS, Cláudia T. G. Interrelações entre a lingüística e outras ciências. Texto apresentado como conferência na ABRALIN.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1999.

---

<sup>33</sup> DOSSE, François. *Op. cit.*, p. 65.